

SEU ESMILINDRO

Jayme Caetano Braun

Aquele ali, se esquentando,
Que parece estar dormindo,
É o velho “seu” Esmilindro
Quando lhe falam, responde,
Mas senão, vive calado,
Olhar triste, entrecerrado
Perdido, não sei onde!

É desses índios de estância
Que ninguém conhece o drama.
Tem só os arreios da cama
E um poncho velho que o cobre.
E embora nunca se dobre,
Nem ao guascaço mais duro,
Pouco lhe importa o futuro,
Pois já nasceu pra ser pobre!

Conhece de tudo um pouco,
Trança, laça e gineteia
Não fala da vida alheia
Nem se mete em discussão
E já ao primeiro clarão,
A estrela d’alva saindo
Encontra o velho Esmilindro
De pé, batendo tição!

É quem recolhe os cavalos
Bem antes que o dia venha,
Puxa água e corta lenha
Pra as chinocas da cozinha.
É quem cuida de galinha
E dá quirera pra pinto.
Sabe tudo por instinto
E o que não sabe, adivinha!
Surgiu um dia na estância
Ao tranco dum baio-ruano
E ficou. Passou-se um ano,
Foi ficando, até ficar...
E ao fim de tanto penar
Só tem, além da ossamenta,
Esse fogo onde se esquentam
E esse galpão que é o seu lar.

A ninguém diz de onde veio
Nem tampouco pra onde vai.
Não tem mãe, nem teve pai
Que lhe acolherasse um nome
E à medida que se some
No tremedal da amargura
Vai vendo que sem ternura
As almas morrem de fome.

Por isso é que ao pé do fogo
Cabisbaixo e silencioso
Vive a pensar no repouso
Da cruz do campo, sozinha,
Quando ali de tardezinha
O vento for repetindo:
Dorme aqui um tal de Esmilindro
Que nem sobrenome tinha!